

# Há festa na família...

## Contributos da psicologia para o estudo de rotinas, tradições, celebrações e rituais familiares

HELENA REBELO PINTO \*

MARIA TERESA RIBEIRO \*\*

Sede de experiências pessoais e grupais das mais intensas, frequentes e cíclicas, a família apresenta, por natureza e funções, oportunidades de celebração e vivência da festa, nas suas múltiplas facetas e formas de expressão, enraizadas na matriz cultural de inserção. Com efeito, a análise do calendário festivo nas histórias de vida revela a relação da festa com acontecimentos associados à dimensão familiar de vivências individuais ou à vivência em família de acontecimentos marcantes no curso de vida de cada um dos membros da família (Fiese *et al.* 1993). Revela também a associação de festas a eventos particularmente significativos na história do ciclo de vida da família como grupo ou da expressão familiar da vivência de acontecimentos ou datas de âmbito comunitário (Fiese & Parke, 2002; Imber-Black & Roberts, 1993).

A festa proporciona assim oportunidades e significados, vividos num dado momento da história da família e dos seus membros, periodicamente actualizados através de registos, memórias e de partilha de sentimentos individuais e colectivos. A festa é, na sua essência, um processo de interacção, no qual, através da comunicação entre participantes, se vai transformando a realidade que objectivamente a suscita numa entidade subjectiva que se constitui como um património cultural,

---

\* Professora catedrática jubilada da Universidade de Lisboa, coordenadora do Instituto de Ciências da Família da Universidade Católica Portuguesa.

\*\* Professora auxiliar da Universidade de Lisboa.

social e afectivo; perdurando, este confere estabilidade e segurança e fortalece a coesão do próprio grupo que a celebra (Wolin & Bennett, 1984).

A família proporciona, por isso, um enquadramento privilegiado para a análise e compreensão do conceito de festa, da sua natureza e significado, da sua tipologia, das suas funções, bem como das suas implicações para o desenvolvimento do grupo familiar e dos seus membros e para a relação destes com a sociedade em que se inserem.

### **Enquadramento teórico**

Propõe-se, neste texto, um percurso reflexivo de fundamentação psicológica, incidindo sobre os aspectos atrás referidos, enquadrado no paradigma teórico do Ciclo de Vida Familiar (Carter & McGoldrick, 1989; Duvall, 1977; Relvas, 1996).

Com efeito, os conceitos fundamentais do modelo proporcionam uma grelha de análise e entendimento do fenómeno particularmente adequada e com potencialidades para gerar orientações de intervenção familiar, educativa, clínica ou social. Na sua obra de referência, com o título *Family Routines and Rituals*, Barbara Fiese recorre ao paradigma desenvolvimental para o estudo dos conceitos e das suas aplicações nesses domínios (2006).

Segundo Fuster & Ochoa (2000), a teoria do desenvolvimento familiar centra-se nas mudanças sistemáticas que a família vivencia nos diversos estádios do ciclo de vida<sup>1</sup>. A abordagem do ciclo de vida assenta, assim, na identificação de uma sequência previsível de transformações na organização familiar, em função de tarefas bem definidas. A esta sequência dá-se o nome de ciclo vital, sendo que as respectivas tarefas identificam e caracterizam as suas etapas. A transição de um estádio para outro realiza-se em função dos processos individuais, dos processos familiares, das normas sociais, dos acontecimentos históricos e das condições ecológicas.

As tarefas de desenvolvimento da família estão ligadas não só a características individuais dos elementos que a compõem, mas também à pressão social para o desempenho adequado das tarefas principais para a continuidade do sistema família.

A abordagem do ciclo de vida da família integra e expressa uma perspectiva desenvolvimentista, apresentando um esquema de classificação em estádios que demarcam uma sequência possível de transformações, diferenciando fases ou etapas (Relvas, 1996). E isto concretiza-se no caminho que a família percorre desde que nasce até que morre. Integra, assim, de modo interactivo, factores como a

dinâmica interna do sistema, as características dos indivíduos, a sociedade e os outros subsistemas.

Hill & Rodgers (cit. in Relvas, 1996) assinalaram como critério de marcação dos estádios do ciclo de vida da família, as alterações do número de elementos que a compõem<sup>2</sup>.

Numa visão mais global quanto a tarefas e a duração, Carter & McGoldrick (1989), desenvolvem o ciclo de vida da família, a partir da abordagem sistémica e multigeracional. A abordagem das autoras ultrapassa a família nuclear, atribuindo importância aos aspectos intergeracionais. Os aspectos de maior significado, e que afectam os indivíduos, transcendem a família nuclear e concentram-se nas gerações anteriores das suas famílias extensas. Esta perspectiva aborda os sintomas e as disfunções em relação ao funcionamento normal ao longo do tempo, formula problemas acerca da história passada, das tarefas que desenvolve e da forma como o faz no presente, contemplando ainda uma perspectiva de futuro. A família compreende o sistema emocional de pelo menos três, e agora frequentemente quatro, gerações. Na classificação dos estádios de ciclo de vida, o processo central é a negociação da expansão, a contracção e o realinhamento do sistema de relacionamentos, para suportar a entrada, a saída e o desenvolvimento dos membros da família de forma funcional. Apresentam, assim, um modelo em que a cada estádio de ciclo de vida familiar correspondem processos emocionais de transição e mudanças de segunda ordem no *status* familiar, necessários para prosseguir o desenvolvimento<sup>3</sup>.

Relvas (1996) propõe um modelo com base nos modelos de Minuchin & Fishman (1981), introduzindo uma alteração na terceira fase – família com filhos em idade escolar ou adolescentes –, que desdobra em duas, e integra igualmente as perspectivas de Duvall, Hill e Rodgers. Assim, segundo Relvas, o ciclo de vida da família integra as seguintes etapas:

1. Formação do casal; 2. Família com filhos pequenos; 3. Família com filhos na escola; 4. Família com filhos adolescentes; 5. Família com filhos adultos – ninho vazio.

Percorrendo os vários modelos, verifica-se que existem diferenças relativamente às categorizações do desenvolvimento do ciclo de vida da família, em especial no número de estádios e na delimitação de cada um deles. Quase todas se referem à família nuclear, por um lado, não tendo em consideração muitas mudanças que constituem a realidade das famílias de hoje, como o divórcio, o recasamento, as famílias em situação de monoparentalidade (Relvas & Alarcão, 2002). Também, por outro lado, não consideram os dados sociodemográficos da actualidade, como a diminuição da nupcialidade, a queda da natalidade, a idade

cada vez mais tardia de nascimento do primeiro filho, o aumento da esperança de vida, a conciliação da vida familiar com a vida profissional e a idade tardia com que os filhos saem de casa e arranjam o primeiro emprego (Ribeiro, 2002).

No entanto, o modelo de Carter & McGoldrick (1989) considera o recasamento e o divórcio como variações maiores ao longo do ciclo de vida.

Os sistemas familiares, na sua dinâmica de estabilidade/mudança, ao evoluírem de um estágio para outro, podem experimentar níveis de *stress* ou mesmo crises nesses momentos de transição, ficando como que bloqueados (Carter & McGoldrick, 1989; Relvas, 1996; Ribeiro, 1991). Mesmo se as mudanças associadas à transição para outra fase são esperadas (*e.g.* o nascimento de um filho ou a adolescência), requerem ajustamento e adaptação dos membros da família e do sistema familiar como um todo. Diversos terapeutas familiares encontram uma associação entre as transições de fase no ciclo de vida e o aparecimento de sintomas em, pelo menos, um membro do sistema familiar, o que seria indicativo de que a mudança «exigida» à família não estaria a ser bem conseguida. A investigação científica (*e.g.* Fiese & Tomcho, 2001; Liddle *et al.*, 2002) revela também que a existência de rituais familiares associados à transição de fase no ciclo de vida são facilitadoras desse mesmo desenvolvimento. Caberá a quem trabalhar a família ajudá-la a recuperar a capacidade de retomar o processo de desenvolvimento, a reorganização relacional, equilibrando as dificuldades com os seus recursos e potencialidades.

## Conceito

A literatura psicológica, nomeadamente no domínio da Psicologia Social, aborda o tópico «festa» no âmbito do tema geral dos rituais familiares (Fiese, 2006).

Formulações de cariz mais teórico, estudos empíricos com populações e objectivos diversos, constituem hoje um acervo importante de conhecimentos científicos, que não cabe aqui explicitar. Num artigo de 2002, Barbara Fiese passa em revista cinquenta anos de investigação sobre o tema e reafirma o interesse que suscita na actualidade, apesar das alterações profundas na estrutura e no funcionamento dos grupos familiares (Fiese, 2002). Assim se justifica que este domínio seja adoptado como referencial para revisão dos contributos mais significativos para a clarificação do conceito.

Optou-se por apresentar de forma sucinta algumas categorias de estudos, com o objectivo de traçar um quadro geral do entendimento actual do tema,

numa perspectiva psicológica. Esses estudos são apresentados a título ilustrativo e seguindo um critério de maior aplicabilidade à análise do conceito de festa no enquadramento teórico do ciclo de vida familiar.

Uma importante categoria de estudos incide sobre os processos psicológicos envolvidos nos rituais familiares (Wolin & Bennett, 1984). São analisados processos de comunicação, adesão e continuidade (Fiese *et al.*, 2002). Também os tipos e formas de rituais são abordados em estudos desenvolvidos já na segunda metade do século passado (Roberts, 1988). Na óptica desenvolvimentista, outros estudos descrevem e analisam os diferentes estádios desses rituais (Fiese *et al.*, 2002) e as respectivas funções em diversos aspectos da vida familiar – como coesão, força, estabilidade –, bem como a sua relação com o desenvolvimento e o comportamento de cada um dos membros da família (Fiese *et al.*, 2002). Outros estudos abordam ainda aspectos relacionados com os rituais familiares em diferentes ambientes culturais.

Da análise dos contributos de diversos autores emerge um conjunto de atributos que podem ser usados para explorar e configurar um *conceito* de festa na família.

Refira-se, em primeiro lugar, a multidimensionalidade desse conceito, integrando vertentes sociais, culturais, afectivas, lúdicas e outras, com maior ou menor incidência em diferentes situações. Por outro lado, a sua continuidade ao longo da história de vida das famílias e dos seus membros, quer pela ocorrência de datas e acontecimentos que periodicamente se celebram, quer pelo significado que se lhes atribuiu na vivência singular da própria família. A consideração destes atributos permite afirmar que a festa é uma constante ao longo do ciclo de vida da família, celebrando a existência desta e a sua evolução.

Outro atributo relevante parece ser a transversalidade da festa. Com efeito, fenómenos ritualizados de natureza festiva ocorrem em todas as culturas, e ao longo do tempo, com as suas manifestações peculiares, é certo, mas mantendo em comum um cerimonial grupal e comunitário com um significado que transcende o próprio acontecimento.

A diversidade, geográfica ou temporal, é, assim, um dos seus outros atributos. Com expressões próprias e coerentes com os vectores dominantes de tempos e de culturas, as manifestações da festa são marcadas pela diversidade. É essa diversidade que as torna adaptáveis às características e necessidades dos grupos e das comunidades em que a festa se celebra. Daí decorre o atributo da subjectividade, isto é, a tomada de sentido, por cada grupo e cada pessoa, de um fenómeno social.

A adaptabilidade que se toma como atributo da festa na família está intimamente relacionada com a sua funcionalidade. De facto, a festa na família persegue

objectivos bem definidos, antecipa efeitos desejáveis para o grupo familiar e para cada um dos seus membros, eventualmente um ou outro em particular, e procura potenciar esses efeitos na sequência do histórico familiar.

## Tipologia

A revisão da literatura científica revela também a natureza multifacetada da festa na família, que remete de alguma maneira para os atributos atrás referidos. De facto, só é possível chegar a um conceito amplo e unificador, congregando os seus vectores constitutivos fundamentais.

Tomando de novo como referência os estudos sobre rituais familiares, verifica-se que grande parte desses estudos (Roberts, 1988) incide sobre sua categorização, forma de organização e funções.

Imber-Black & Roberts (1993) referem quatro categorias de rituais: as rotinas diárias, as tradições, as celebrações e os rituais ligados ao ciclo da vida familiar.

As rotinas representam formas de organização da vida diária ou de práticas frequentes, pouco planeadas e sem uma intencionalidade consciente. Formas de saudação, actividades domésticas ou de lazer, interacção e comunicação regulares, regras de comportamento e convivência, incluem-se nesta categoria. Têm uma função importante na estruturação dos comportamentos, dão sentido, ritmo, segurança e continuidade à vida quotidiana da família, clarificam as responsabilidades dos seus membros, formalizam e reforçam a ligação entre eles (Lind, 2008). As rotinas vão-se adaptando às diferentes fases do ciclo de vida familiar, e é precisamente essa adaptação, decorrente de uma integração intencional de novas situações, que dá continuidade e sentido à sua função na família.

Este conceito de rotina tem aparentemente uma relação ténue com a ideia de festa, como é geralmente entendida. Com efeito, a repetição e o hábito que caracterizam as rotinas parecem estar longe do conceito de acontecimentos que ocorrem isoladamente, por uma razão bem específica. No entanto, é a estabilidade relacional e afectiva que as rotinas proporcionam que prepara terreno emocional que possibilita a emergência do projecto de festa e a sua realização com a satisfação e o êxito esperados.

As tradições familiares correspondem a orientações de comportamento grupal com carácter de continuidade e com significado específico para cada família. Embora influenciadas pela matriz cultural do ambiente externo, são sobretudo marcadas pelo calendário familiar interno e pelas experiências de vida familiar. Festas de aniversários, encontros de família alargada, comemorações de aconte-

cimentos de vida familiar incluem-se nesta categoria, e dão origem a encontros, a práticas e a comportamentos de grupo regulares, mas de um modo geral pouco estruturados. Correspondem a uma necessidade de afirmação da identidade familiar, através da expressão de crenças, valores e sentimentos próprios do grupo familiar, que são partilhados pelos seus membros.

Estas tradições assumem uma função de inspiração para a ideia da festa na família, ao mesmo tempo que se constituem como alavancas para a sua concretização. Proporcionam ainda esquemas mais ou menos estruturados de acção conjunta, a qual favorece a cooperação e a coesão familiar.

As celebrações correspondem ao calendário externo da família. São rituais bem formalizados pelos vectores do meio social em que a família se insere. Festas e feriados nacionais e locais, celebrações anuais ou sazonais, religiosas ou outras, incluem-se nesta categoria. Ao celebrar o Natal ou a Páscoa, o Dia da Criança ou o Dia da Mãe, a festa das Vindimas ou a Passagem do Ano, periódica e repetidamente, e em consonância com outras famílias, cada família afirma a perenidade dos seus símbolos e assegura a transmissão de valores e costumes às gerações futuras (Lind, 2008). Para além do reforço temporal desta identidade grupal, a família reforça também a sua pertença a comunidades étnicas, religiosas ou culturais mais amplas, que constituem o seu referencial ético. Por vezes estas celebrações perdem o seu significado mais profundo para a vida familiar, em consequência da interferência de outros factores, por exemplo de natureza comercial ou política, como é o caso do pendor consumista do Natal ou do aproveitamento político do Dia da Mulher.

A tomada pela família dos valores associados a estas celebrações decorre em grande parte do seu grau de adesão a esses valores. Em muitos casos, a família assume-os como expressivos da sua identidade e é levada a celebrá-los como festa, em consonância com a comunidade que os propõe. Noutros casos, ignora-os ou, o que é mais comum, toma apenas um aspecto que se reveste de mais importante significado para si.

Os rituais ligados ao ciclo de vida familiar não correspondem a celebrações periódicas, como as anteriormente referidas, antes acompanham o grupo familiar e os seus membros ao longo de toda a sua vida. Rituais de cariz diverso, normativo e não normativo, como casamentos, baptizados, funerais, ingresso na escola, partidas e chegadas, boas-vindas, promoção profissional, incluem-se nesta categoria. Correspondem a marcos fundamentais da história familiar, nascimentos e perdas, rituais de passagem, mudanças geracionais, alterações no curso de vida pessoal ou profissional, acontecimentos relevantes, acarretando em geral uma redefinição de relações e papéis familiares, assegurando deste modo que as

mudanças ocorridas no ciclo de vida da família não ameacem a sua identidade e continuidade.

Estes rituais constituem a fonte mais importante da festa na família, já que celebram a própria família, na sua identidade histórica e cultural.

Alguns autores referem três etapas nesta categoria de rituais: a preparação do ritual, a realização do encontro correspondente e a integração da mudança celebrada no quadro da vivência familiar. Um exemplo que ilustra bem estas etapas é a preparação de um casamento, a sua celebração e a reorganização estrutural, social e emocional daí decorrente, numa família agora necessariamente diferente, mas que pretende preservar a sua identidade.

O estudo das funções dos rituais, que constituem outra categoria importante de investigações na área, traz igualmente contributos úteis à análise do conceito de festa na família. Alguns autores salientam a função desses rituais na gestão da mudança, anunciando-a, criando-a e integrando os novos elementos que a caracterizam, favorecendo a estabilidade e a continuidade do grupo familiar, nas suas inevitáveis e múltiplas transformações ao longo do tempo, decorrentes de novas situações que entretanto vão ocorrendo (Roberts, 1988).

Os rituais familiares contribuem também para definir e redefinir a estrutura familiar e comunitária, reconfigurar papéis, facilitando ainda a coordenação entre indivíduos, famílias e comunidade. Contribuem ainda para formar, exprimir e manter relações interpessoais, transmitir valores e crenças, construir significados que reforçam a identidade e a coesão familiar. Finalmente, constituem um enquadramento para a expressão de emoções fortes, facilitam a integração de contradições e incongruências, ajudam a ultrapassar e a recuperar de situações penosas.

Numa outra perspectiva, o estudo dos rituais familiares proporciona elementos importantes para a compreensão do clima familiar. Roberts (1988) e Imber-Black & Roberts (1993) caracterizam seis estilos de ritualização familiar: as famílias sub-ritualizadas, que valorizam pouco o significado da sua identidade ao longo do tempo; as famílias com rituais rígidos, que correspondem, por oposição às anteriores, a uma sobrevalorização da necessidade de afirmação própria, sem espaço para ajustamentos favoráveis à preservação da identidade; as famílias com rituais desequilibrados, sobrevalorizando certos aspectos ou membros em detrimento de outros; as famílias com rituais interrompidos devido a mudanças abruptas e que se encontram incapazes de retomar o seu curso normal de vida; e as famílias com rituais flexíveis, capazes de preservar e manter viva a sua identidade, através de ajustamentos adequados a novas situações do ciclo da vida familiar.

Assinala-se ainda o estudo das relações entre rituais e bem-estar (saúde, bem-estar, ajustamento psicossocial, função protectora, coesão, estabilidade, relacio-



namento intra e extra familiar, carácter simbólico, pertença, competência parental, adaptação social, rendimento escolar dos filhos, relacionamento, etc.) e o seu valor de intervenção na família (Fiese & Tomcho, 2001; Fiese, 2006).

Numa tentativa de integração dos elementos colhidos na revisão a que se procedeu, poderá dizer-se que o conceito de festa na família corresponde a uma experiência partilhada de valores, sentimentos e emoções, mais ou menos ritualizada, com carácter celebrativo, inscrita na matriz histórica e cultural da família, como marcador da sua identidade e desenvolvimento.

### **Natureza e significado**

Da análise dos elementos integrados na tentativa de definição atrás formulada, emergem, quanto à sua natureza e significado, algumas facetas susceptíveis de favorecer um melhor entendimento do conceito de festa.

Em primeiro lugar, a sua *natureza cultural*. Com efeito, a festa, nas suas diferentes expressões, radica numa interacção historicamente actualizada com usos e tradições do meio em que a família se insere – meio geográfico, social, religioso, etc.

Daí decorre também a sua *natureza socializante*, orientada para a coesão do grupo familiar que se une em práticas comuns e partilhadas, reforçando deste modo o sentimento de pertença de cada um dos seus membros. A família tende a aproximar-se de grupos de referência de âmbito mais alargado, assim comprovando a sua conformidade cultural com eles.

Em terceiro lugar, a festa é por *natureza interactiva*. Num mundo de tendência individual, constitui oportunidade de relacionamento interpessoal e grupal. Quando há algo a celebrar, procura-se alguém para o fazer. Não há festa quando se está sozinho.

Em quarto lugar, emerge a *natureza normativa* da festa, propondo esquemas de celebração mais ou menos estruturados e convidando explícita ou implicitamente ao seu cumprimento. A par de expectativas de adesão que se vão desenvolvendo no meio familiar, a festa na família, constitui assim um poderoso elemento no reforço de laços e valores que tecem e dão sentido às ligações familiares e as fortalecem.

Por último, salienta-se a sua *natureza evolutiva e desenvolvimental*. A festa, sobretudo quando é flexível, facilita e regula a mudança. Enquanto facilitadores de mudança, os rituais desempenham um papel importante no processo de desenvolvimento pessoal e familiar, facilitando a transição para diferentes estádios,

o que serve de apoio para o desempenho das tarefas evolutivas requeridas por cada estágio. Enquanto facilitadores do desenvolvimento pessoal, temos como exemplo, os chamados rituais de iniciação, que regulam a integração do adolescente na vida adulta.

No ciclo de vida familiar, encontramos, conforme anteriormente referido, uma enorme quantidade de rituais que acompanham a família nas transições normativas, como o casamento, o nascimento dos filhos, a sua maioridade. O tempo está intrinsecamente ligado às tarefas de desenvolvimento e aos marcadores de cada etapa de ciclo de vida (Relvas, 1996), sendo designado tempo processual. No ciclo de vida de cada família, existe um tempo familiar que está ligado com a transição mas também com cada história de vida familiar, a actual, a anterior e a posterior<sup>4</sup>. A mudança, sendo permanente e requerendo sucessivas transformações e adaptações, enquadra-se nesse tempo familiar (Narciso & Ribeiro, 2009).

Quanto a natureza e significado, parece ser possível identificar três dimensões fundamentais no conceito de festa na família, do modo como este tem vindo a ser construído: a dimensão *expressiva*, a dimensão *histórica* e a dimensão *transcendente*.

A dimensão expressiva implica uma faceta comportamental, relativa ao que se faz, isto é, um conjunto de procedimentos e práticas que traduzem o espírito da festa. A dimensão histórica referencia épocas, momentos significativos, transições, celebrações, comemorações, ciclos. A dimensão transcendente fundamenta a festa em focos que vão para além de pessoas e acontecimentos e se polarizam sobretudo à volta de temas relativos a ética universal, como a Vida, o Amor e a Fé/Religião.

## Conclusões

Dos cruzamentos de eixos conceptuais seguidos neste percurso reflexivo sobre a festa na família, ressaltam algumas conclusões.

O grupo familiar oferece um referencial situacional adequado e útil para a análise e compreensão do conceito de festa, cumprindo deste modo um requisito fundamental de fecundidade científica. Estudar a festa na família contribui não só para uma visão mais clara do tema em si, como para reconfigurar e enriquecer o próprio conceito de festa.

Este enriquecimento decorre da identificação e do aprofundamento da sua natureza e significado, bem como da análise das suas diferentes formas de expressão, culturalmente enraizadas.

O Modelo de Ciclo de Vida da Família propõe um quadro teórico privilegiado para a compreensão da função da festa no desenvolvimento da família e dos seus membros.

Com efeito, tomando os conceitos fundamentais do modelo, verifica-se que estádios, tarefas, transições normativas e não-normativas sofrem a influência e são influenciados nas seguintes funções da festa na família: manutenção da identidade de grupo, facilitação da mudança, ligação entre passado e futuro, facilitação da comunicação, facilitação da cooperação, harmonização do individual com o colectivo (Gimeno, 2001; Imber-Black, 2002).

A função desenvolvimental da festa para o grupo familiar e para cada um dos seus membros transporta o tema para o âmbito da vivência e do crescimento pessoal, familiar, moral e social, constituindo um desafio à acção educativa, social e terapêutica.

## NOTAS

- <sup>1</sup> Podem identificar-se três linhas de intervenção ligadas à teoria do desenvolvimento familiar: a perspectiva estrutural, que se centrou nos processos institucionais que afectam o desenvolvimento familiar; a perspectiva interaccional, que se centrou nas relações dentro do grupo familiar e na construção de normas e papéis familiares; e a perspectiva do caminho vital, que é mais centrada no indivíduo do que no próprio grupo familiar.
- <sup>2</sup> Jovem casal sem filhos; Estádio expansivo, com o nascimento do primeiro filho; Estádio estável, que vai desde a educação dos filhos até à saída de casa do primeiro filho; Estádio de contracção, que coincide com a saída dos filhos de casa – período que se estende até que o último dos filhos o faça; Estádio pós-parental: casal a viver só, sem os filhos.
- <sup>3</sup> No primeiro – saindo de casa, jovens solteiros –, como processo emocional apresenta-se a aceitação da responsabilidade emocional e financeira, e como mudanças de segunda ordem, a diferenciação do eu em relação à família de origem, desenvolvimento de relacionamentos íntimos com adultos e estabelecimento do eu em relação ao trabalho e independência financeira. No segundo – a união de famílias no casamento, o novo casal –, como processo emocional de transição, apresenta-se o comprometimento com um novo sistema, e como mudanças de segunda ordem a formação do sistema conjugal, o realinhamento dos relacionamentos com as famílias de origem e os amigos. No terceiro – famílias com filhos pequenos –, como processo emocional de transição, é fulcral aceitar novos membros no sistema, e como mudanças de segunda ordem, o ajustamento do sistema conjugal para criar espaço para os filhos, a partilha das tarefas de educação dos filhos, financeiras e domésticas e o realinhamento de relacionamentos com as famílias de origem, para incluir os papéis de pais e avós. No quarto – famílias com filhos adolescentes –, como processo emocional de transição, será necessário aumentar a flexibilidade das fronteiras familiares para incluir a independência dos filhos e as fragilidades dos avós, e, como mudanças de segunda ordem, modificar o relacionamento pais/filhos para facilitar ao adolescente a movimentação para dentro e para fora do sistema, novo foco nas questões conjugais e profissionais, começo da mudança no sentido de cuidar da geração mais velha. No quinto – lançando os filhos e seguindo em frente –, o processo emocional de transição implica aceitar as várias saídas e entradas no sistema familiar, as mudanças de segunda ordem implicarão renegociar o sistema conjugal, o desenvolvimento de relacionamentos entre adultos (os filhos e seus pais), realinhamento de relacionamentos para incluir parentes por afinidade e netos, lidar com a incapacidade e com a morte dos pais e dos avós. No sexto – famílias no estágio de vida tardio –, como processo emocional de transição, torna-se indispensável aceitar a mudança dos papéis geracionais e, como mudanças de segunda ordem, é fundamental que o casal mantenha interesses próprios e comuns, em face do declínio físico e que desenvolva um papel mais activo na geração do meio, abrir espaço no sistema para os mais velhos, apoiando a geração mais velha e mantendo o funcionamento de casal, lidar com a perda do cônjuge, irmãos e outros iguais e preparar-se para a própria morte; é uma fase de revisão e integração da vida.
- <sup>4</sup> O tempo familiar está presente em cada etapa que a família vai vivendo, numa perspectiva multigeracional.

## BIBLIOGRAFIA

- CARTER, E.; MCGOLDRICK, M. (1989), *The Changing Family Life Cycle – A framework for family therapy*, Boston: Allyn & Bacon.
- DUVALL, E. (1977), *Marriage and Family Development*, Nova Iorque: J. B. Lippincott & Co.
- FIESE, B. H. (1992), «Dimensions of family rituals across two generations: Relation to adolescent identity», *Family Process*, 31, 151-162.
- FIESE, B. H. (2006), *Family Routines and Rituals. Current perspectives in psychology*, Yale University Press.
- FIESE, B. H.; HOOKER, K. A.; KOTARY, L.; SCHWAGLER, J. (1993), «Family rituals and the early stages of parenthood», *Journal of Marriage and the Family*, 57, 633-642.
- FIESE, B. H.; PARKE, R. D. (2002), «Introduction to the special section on family routines and rituals», *Journal of Family Psychology*, 16, 379-380.
- FIESE, B. H.; TOMCHO, T. J. (2001), «Finding meaning in religious practices: The relation between religious holiday rituals and marital satisfaction», *Journal of Family Psychology*, 15, 597-609.
- FIESE, B. H.; TOMCHO, T. J.; DOUGLAS, M.; JOSEPHS, K.; POLTROCK, S.; BAKER, T. (2002), «A review of 540 years of research on naturally occurring family routines and rituals: Cause for celebration?», *Journal of Family Psychology*, 16, (4), 381-390.
- FUSTER, E.; OCHOA, G. (2000), *Psicología social de la familia*, Barcelona: Paidós.
- GIMENO, A. (2001), *A Família – O desafio da diversidade*, Lisboa: Piaget Editora.
- IMBER-BLACK, E. (2002), «Family rituals – From research to the consulting room and back again: Comment on the special section», *Journal of Family Psychology*, 16, (4), 445-446.
- IMBER-BLACK, E.; ROBERTS, J. (1993), *Rituals for Our Time – Celebrating, healing and changing our lives and our relationships*, Nova Iorque: Harper Perennial.
- LIDDLE, H.; SANTISTEBAN, D.; LEVANT, R.; BRAY, H. (2002), *Family Psychology – Science-based interventions*, Washington: American Psychological Association.
- LIND, W. (2008), *Casais Biculturais e Monoculturais: Diferenças e recursos*, Dissertação de doutoramento em Psicologia, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- MINUCHIN, S.; FISHMAN, C. H. (1981), *Family Therapy Techniques*, Cambridge: Harvard University Press.
- NARCISO, I.; RIBEIRO, M. T. (2009), *Olhares sobre a Conjugalidade*, Lisboa: Coisas de Ler.
- RELVAS, A. P. (1996), *O Ciclo Vital da Família – Perspectiva sistémica*, Porto: Edições Afrontamento.

- RELVAS, A. P.; ALARCÃO, M. (2002), *Novas Formas de Família*, Coimbra: Quarteto Editora.
- RIBEIRO, M. T. (1991), *Transições de Fase no Ciclo de Vida Familiar – Um estudo com famílias portuguesas*. Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- RIBEIRO, M. T. (2002), *Da Diversidade do Feminino à Singularidade do Casal*. Dissertação de doutoramento em Psicologia, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- ROBERTS, J. (1988), «Setting the frame: Definition, functions and typology of rituals», in E. Imber-Black; J. Roberts; R. Whiting (orgs.), *Rituals in Families and Family Therapy*, Nova Iorque: Norton.
- WOLIN, S.; BENNETT, L. (1984), «Family rituals», *Family Process*, 2 (3), 401-420.